

NOVAS TERRITORIALIDADES REGIONAIS NO OESTE CATARINENSE: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E URBANA DAS CIDADES DE MAIOR INFLUÊNCIA DA REGIÃO

Claudio Machado Maia ¹
Dione Paula Ludwig ²

Resumo

O presente artigo, inserido nos debates em torno do planejamento regional no oeste catarinense, busca interpretar a dinâmica da (re)estruturação urbana de Chapecó e região, pela compreensão dos processos de produção e consumo dos diferentes setores econômicos frente às imposições globais/nacionais/locais. Compreendem os micropólos regionais as cidades de Concórdia, São Miguel do Oeste, Maravilha, Pinhalzinho e Xanxerê, no qual se insere uma discussão sobre globalização, cidade do agronegócio, e reestruturação urbana, na forma de interpretar as problemáticas urbanas e regionais de território. Como metodologia utilizada, desenvolve-se uma revisão bibliográfica, reunindo material teórico e técnico, com posterior coleta de dados relativos a economia, população e emprego das cidades em estudo, esses, extraídos de sítios eletrônicos de institutos de pesquisa, órgãos setoriais, prefeituras e secretarias. Seguindo, fez-se levantamento fotográfico por visitas *in loco*, que gerou a produção de cartogramas temáticos e análises, subsidiando a melhor compreensão das dinâmicas locais e regionais. Os resultados demonstram que, a região oeste, destacada pelas agroindústrias, está criando novas relações entre o espaço campo-cidade. Dessa forma, as cidades de maior influência começam a assumir papel de centros industriais, mudando o caráter local e regional, pois se aumenta as informações e vinculações dessas cidades. As cidades de maior influência, que já passaram por situações econômicas difíceis procuram por novas atividades, a fim de buscar uma diversificação de setores. Essas mudanças alteram o contexto da cidade e da região, gerando expansão urbana, novas configurações territoriais, impactos sociais e ambientais. Compreendendo todas essas variáveis, e tendo como eixo principal a influência regional pela dinâmica de crescimento, lançaram-se propostas de planejamento urbano regional, alinhadas a estratégias de planejamento municipal, apontando possibilidades de qualificação urbana, fortalecimento e desenvolvimento em diferentes escalas. Conclui-se, que o planejamento regional tem fundamental importância na avaliação das relações econômicas e socioespaciais entre as cidades, refletindo na criação de propostas que amenizem ou eliminem as necessidades locais e regionais, a fim de proporcionar uma dinâmica regional de caráter produtivo economicamente eficiente e socialmente justo.

Palavras-chave: Território; Planejamento Regional; Oeste Catarinense.

¹ Doutor em Desenvolvimento Rural. Professor Titular da UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

² Acadêmica do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNOCHAPECÓ. Bolsista do Núcleo de Pesquisa de Iniciação Científica sobre Reestruturação Urbana em Cidade Médias, da UNOCHAPECÓ.

1. INTRODUÇÃO

O estudo parte da concepção da realidade socioespacial, principalmente pelo crescimento significativo das cidades de médio porte, onde os avanços e as relações econômicas e de serviço transformam o território urbano e rural, construindo novos espaços e novas articulações nas cidades e entre cidades. Processos esses, impulsionados pela industrialização e economia globalizada, fazendo com que a sociedade se adeque as novas transformações e possibilidades existentes.

Este trabalho se insere nos debates em torno do planejamento regional no oeste catarinense, que busca compreender e caracterizar a dinâmica dos centros regionais sob a influência da cidade de Chapecó – SC e as relações que estes estabelecem no contexto regional. Teve como objetivos a interpretação das relações produtivas e transformações dos cinco micropólos regionais, compreendendo estes as cidades de Maravilha, Pinhalzinho, São Miguel do Oeste, Concórdia e Xanxerê.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, partiu-se de breve revisão teórica sobre o tema região e planejamento regional, numa dinâmica de novas territorialidades e produção contemporânea, ao que se seguiram os estudos sobre as cidades em questão. Coletados os dados de bases teóricas e técnicas, desenvolveram-se visitas *in loco* para levantamentos fotográficos, entrevistas, e aquisição de mais dados.

Após, sucedeu-se a elaboração dos cartogramas temáticos, envolvendo as principais questões em estudo com o diagnóstico da situação identificada. Com isso, se avançou no lançamento das estratégias de planejamento urbano e regional para o oeste catarinense, com enfoque nos cinco micropólos analisados.

2. DINÂMICA REGIONAL E PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA

Desde o Império Romano (27 a.C-1453 d.C.) as problemáticas regionais já entraram em um quadro de contradições, tendo o Estado como organizador e articulador das funções a cerca do planejamento regional, porém, sem compreender as demandas dessa sociedade. Essa formação territorial vinha por uma divisão espacial e física, seguindo alguns critérios, como aspectos físicos, populacionais e clima local (FUJITA; MATIELLO; VILLELA, 2006)[1]. Eram políticas de desenvolvimento que elaboravam programas independentes sem a integração destes com a dinâmica do estado ou país.

Hoje, essa divisão é muito mais complexa e subjetiva, no sentido de avaliar critérios e finalidades específicas, podendo assim, haver diferentes regiões, sobrepostas, mas ao mesmo tempo articuladas (GLASSON, 1992 *apud* FUJITA; MATIELLO; VILLELA, 2006); (FUJITA; MATIELLO; ALBA, 2009)[2].

Nas últimas décadas, a urbanização veio transformando cenários urbanos e rurais a um passo muito intenso, refletindo em diferentes relações econômicas e de serviço. Essas novas articulações impulsionadas, principalmente, pela industrialização e economia globalizada, fazendo com que a sociedade se adeque as novas transformações e possibilidades existentes.

Neste contexto sistêmico, as cidades e regiões são vistas como sistemas complexos, ou seja, estruturas sociais e ambientais onde a relação entre as partes resulta em conflitos e instabilidade, e são verdadeiros desafios para quem os analisa, planeja, governa e toma parte deste processo. São conjuntos desorganizados, sujeitos a mudanças rápidas e imprevistas, sendo caóticos e descontínuos, por conta de movimentos e estímulos advindos dos mais variados contextos e escalas. (FUJITA, MATIELLO, VILLELA, 2006, p.05)[1].

Nesse sentido, se percebe a grande relevância do planejamento regional na organização e ordenação do espaço, partindo-se para uma análise do supra ao intra-urbano, contemplando aspectos culturais e sociais do local, atendendo e prevendo as alterações ou refuncionalizações nos núcleos urbanos e as redes econômicas que se transformam.

Como cita Corrêa (2006, p.256)[3], “a globalização impacta vigorosamente as esferas econômica, social, política e cultural, mas também; a organização espacial.” Portanto, o processo de globalização econômica contribuiu para a descentralização do desenvolvimento, mas também pode ocasionar grandes disparidades econômicas e sociais entre localidades próximas e dentro de seus domínios.

Pelo panorama de reestruturação produtiva dos anos 90, o característico modelo de desenvolvimento catarinense pode ser compreendido sob perspectiva histórica, cultural e natural do seu território, dinamizado pela influência de unidades socioeconômicas diferenciadas que desencadearam sua inserção no cenário da economia mundial. O empreendedorismo da produção familiar, enriquecimento científico local, e o dinamismo empresarial, apoiados nas particularidades de cada região e estruturados a partir de cidades - pólo fez surgir um mosaico equilibrado de setores produtivos, capaz de responder às mudanças e transformações no cenário mundial (VIEIRA; CUNHA, 2002)[4].

Quando o Brasil entra no mercado internacional, a trajetória *sui generis* do estado catarinense ganha outro contexto social e econômico, colocando o modelo em análise. Frente

à progressiva perda da competitividade; enfraquecimento da pequena produção; aumento do êxodo rural; e desgastes socioambientais severos, surgem as agroindústrias com modelos de associativismo e cooperativismo.

No que se refere Fujita, Matiello e Alba (2009)[2], quanto mais complexificação de atividades a cidade oferece, maior será o comando exercido por ela, seja na ordem de circulação de pessoas, mercadorias, serviços ou informações, configurando uma rede urbana. E, retomando as cidades - pólo de Vieira e Cunha (2002)[4], Chapecó como pólo regional do oeste de Santa Catarina exerce influência marcante sobre os micropólos regionais, Xânxerê, Concórdia, Pinhalzinho, Maravilha e São Miguel do Oeste.

Antes de caracterizar o oeste catarinense é necessária uma discussão dos ciclos econômicos regionais, responsáveis pela formação e pelas transformações do território em estudo, além de fazer a compreensão dos agentes econômicos hoje atuantes. Bavaresco (2005)[5] define os ciclos do desenvolvimento em ciclo da pecuária, ciclo da erva mate, ciclo da madeira e ciclo da agroindustrialização.

O ciclo da pecuária ocorreu na primeira metade do século XVIII, sendo responsável pela integração da região sul ao cenário econômico brasileiro. Tinham-se muare para transporte de mercadorias, gado para alimento, charque e couro. Como ciclo regionalizado, abriam-se caminhos para passagem de mercadorias e se criavam pequenas vilas, sendo que o atual município de Chapecó – SC compreendia local de passagem e parada de tropeiros.

O ciclo do extrativismo compreende o da erva-mate e o da madeira. O ciclo da erva mate ocorreu no final do século XIX e início do XX, tendo a exploração do oeste ligação como o estado do Paraná e Rio Grande do Sul, também a Argentina – destino de comercialização. Eram comercializados gêneros de primeira necessidade, para a subsistência, como sal, banha e munição para vida no campo (BAVARESCO, 2005)[5]. A economia da erva mate cresceu de modo significativo, fornecendo matéria prima para as indústrias que se instalaram nos estados vizinhos e no país. O ciclo da madeira esteve ligado diretamente com o processo de colonização, iniciado no começo do século XX. Primeiramente eram ocupadas as terras próximas aos rios, depois se desbravava as mais afastadas. Tinham-se as companhias responsáveis pela ocupação, extração das madeiras e posterior venda de terras às famílias imigrantes (BAVARESCO, 2005)[5].

Esse processo pode ser relacionado a aberturas das primeiras estradas, facilidade a colonização, cultivo das lavouras e comercialização dos excedentes, partindo para a inserção

da região oeste ao cenário nacional e posterior global, criando o alicerce do capital regional que dará origem ao próximo ciclo, a agroindustrialização.

Explorada nas primeiras décadas do século XX, a base agrícola se dava num modo de subsistência, que com a vinda de imigrantes os centros de comercialização e produtos foram se alterando, pedindo por produtos mais elaborados e com mais durabilidade. Tinha-se uma diversidade de produção, que segundo Bavaresco (2005)[5], seja a explicação para o crescimento da produção suína daquela época. Havia a interlocução entre produtor e mercado consumidor, onde o comerciante comprava o excedente das colônias e fornecia para estas o que necessitavam. Assim, pode-se começar a compreender as relações de interdependência entre o rural e o urbano e o surgimento do sistema de integração das agroindústrias do Oeste Catarinense.

A base agroindustrial trouxe condições favoráveis ao crescimento e desenvolvimento de todo território oeste, tanto no âmbito estadual quanto nacional. Reforçando o papel de pólo regional, Chapecó auxiliou constantemente esse progresso econômico, e ao mesmo tempo em que se geram problemáticas como redução demográfica nos municípios vizinhos da cidade pólo, ela propicia maiores chances de investimentos e desenvolvimento, inserindo todo oeste catarinense no cenário global (PELUSO, 1982; FUJITA; MATIELLO; ALBA, 2009)[2].

Com a expansão do agronegócio as pequenas cidades e as de médio porte foram ganhando força, exercendo novas funções tendo um grande papel nas redes agroindustriais. O espaço agrícola mais flexível e menos complexo que os centros urbanos é mais aberto a investimentos de novos capitais. Enquanto, as cidades que possuem um sistema agrário mais avançado necessitam ter uma gestão e normatização mais intensa em escala regional e local. Entre os principais pontos da reorganização do território estão destacados a guerra fiscal; a descentralização industrial; as especializações produtivas e a reestruturação produtiva da agropecuária (ELIAS, 2007)[6].

Essa base econômica agroindustrial promove o aumento de desigualdades socioespaciais (FUJITA; MATIELLO; ALBA, 2009)[2], o que caracteriza problemáticas a serem amenizadas ou eliminadas por propostas de planejamento regional, a fim de proporcionar uma dinâmica regional de caráter produtivo economicamente eficiente e socialmente justo.

Numa análise de espacialização e desenvolvimento as cinco cidades em estudo estão interligadas por vias de grande relevância no estado catarinense, sendo essas as rodovias

SC 282 e SC 283 (Imagem 01), possuindo também ligações secundárias aos municípios vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul. Essa configuração da malha urbana do oeste gera um dinamismo em relação a espaços fixos e transitórios, tanto para a realização de eventos, negócios, comércio, turismo, entre outros, visto que o maior crescimento populacional nos últimos anos se deu nessa região.

Caracterização territorial do Oeste Catarinense, Chapecó e os Micropólos regionais

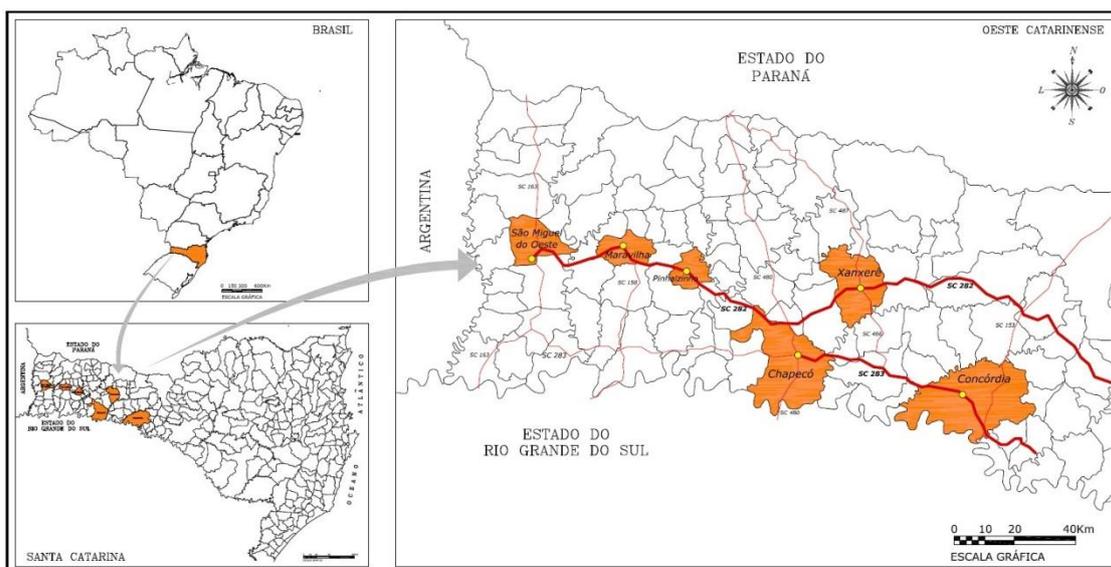


Imagem 01 – Localização de Chapecó e os Micropólos regionais.

Fonte: Base de dados disciplina de Planejamento Regional – UNOCHAPECÓ, 2012.

Edição: Dione Paula Ludwig, 2013.

Pela análise dos ciclos econômicos, colonização e ocupação, a formação espacial do oeste catarinense se deu em função de vários fatores que hoje ainda respondem pelo processo de desenvolvimento. Tinha-se a mão de obra familiar, pequenas propriedades rurais, terras férteis para produção, matéria prima local e o espírito empreendedor do imigrante. Hoje, atuam os sistemas de cooperativismo e associativismo, empresas com modelos de produção globalizadas que podem por um lado modernizar o comércio e serviços, mas por outro enfrentam as crises financeiras globais com significativos saldos negativos e impactos sobre o setor terciário, principalmente.

A rede urbana do oeste catarinense resulta pelo processo de reestruturação produtiva da agropecuária, incorporados em padrões de produção e consumo globalizados. O êxodo rural gerou maior concentração populacional na área urbana, se criaram novas atividades e setores, que respondem pelo crescimento de Chapecó e demais cidades de menor porte da região. Nesse sentido, se faz necessária a criação de eixos que supram as deficiências

e favoreçam a inserção no mercado nacional e global, aliados com estratégias que melhorem a funcionalidade da cidade e o bem-estar da população.

3. O PERFIL DE CHAPECÓ – SC COMO PÓLO REGIONAL

Chapecó é um município pertencente à Mesorregião Oeste Catarinense, localizada a aproximadamente 555 Km de distância em relação à capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis. Desde sua criação em 1917, a população vem crescendo continuamente, tendo atualmente estimativa de 189.052 habitantes, desses mais de 90% residindo na área urbana (IBGE, 2012)[7]. Com uma área de 624.308 km², é a maior cidade da região Oeste Catarinense e a sexta mais populosa no estado. E, sedia a Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina (AMOSOC).

O município se insere na dinâmica regional do agronegócio, dando suporte à atividade agroindustrial voltada ao mercado internacional, principalmente a suinocultura, avicultura e bovinocultura de leite. Também no setor terciário, tem atrelado à capitais nacionais e internacionais na rede de negócios e serviços, ligados à lojas, supermercados, serviços de saúde e de educação. Em resposta a isso, tem-se a relação que a cidade exerce com a região, atrelada a uma configuração urbana de pólo do terceiro setor, porém, sem desarticulação com a produção rural.

Sendo assim, as agroindústrias foram o principal fator que impulsionou o crescimento econômico de Chapecó e toda região oeste catarinense. O campo se configura em propriedades que trabalham a agricultura familiar, o associativismo e o cooperativismo, fornecedor da matéria prima, enquanto a cidade fornece produtos industrializados como equipamentos e insumos (agrícolas e pecuários).

Nessa perspectiva de Chapecó na condição de cidade média, e seus centros regionais mais influentes como dinamizadores da economia, se faz um abreve análise sobre a configuração do espaço de cada um dos cinco micropólos em estudo, para ao fim, perspectivar estratégias de planejamento regional.

4. O PERFIL DOS MICROPÓLOS REGIONAIS

4.1 Micropólo I – Concórdia

O município de Concórdia, capital nacional da suinocultura, se localiza na mesorregião Oeste Catarinense, microrregião do Alto Uruguai. Emancipada politicamente em 29 de julho de 1934, a cidade possui uma área de 797,269 km², sendo suas principais ligações as rodovias SC 283, SC 463 e BR 153. No ano de 1991, o município contava com 64.338 habitantes, reduzindo para 58.252 habitantes em 1996, ocasionado pela emancipação dos municípios limítrofes de Lindóia do Sul, Arabutã e Alto Bela Vista. Na década seguinte a população só cresceu, tendo-se hoje 68.627 habitantes, sendo que desses 79,95% são residentes da área urbana (IBGE, 2010)[7].

No que tange os aspectos econômicos, os setores que se destacam são a agroindústria e o comércio, sendo a base a agropecuária, na criação de suínos e aves e no plantio de cereais (milho e soja). O segmento de prestação de serviços é o mais representativo em número de pessoas, por outro lado, o setor que mais emprega é o secundário, se destacando a construção civil (SEBRAE/SC, 2010)[8].

A cidade teve sua ocupação e formação de malha urbana caracterizada em função da topografia. Com um relevo bastante acidentado, riqueza hídrica e de vegetação criam-se áreas de maior e menor expansão, sendo que o núcleo urbano foi construído em cima do maior e principal rio, tendo-se nessa linearidade de menor altitude áreas alagáveis, formação de ruas de mão única, fluxo complicado, e a negação à acessibilidade. Ainda, uma alta especulação imobiliária em função das poucas regiões favoráveis para implantação de loteamentos para a classe de maior poder aquisitivo.

Além da malha irregular na área urbana, se tem as formações íngremes das propriedades rurais, fazendo com que desde sua colonização a visão do mercado foi o sistema agropecuário. A implantação da empresa Sadia, hoje integrada a Perdigão passando a ser BRF (Brasil Foods SA), em meio ao núcleo central atualmente agredido, favoreceu essa consolidação, sendo a economia da cidade alienada ao setor agropecuário.

Essa configuração traz agentes internos e externos que atuam como fomentadores ao desenvolvimento, nos quais se destacam: as novas áreas de expansão zoneadas, os incentivos ao agronegócio, os equipamentos culturais, o Contorno Viário Norte, as empresas de médio e grande porte, os vínculos de exportação, e as escolas de nível superior e técnico. Por outro lado tem-se os desestimuladores ao desenvolvimento, como as ocupações irregulares, áreas industriais sem infraestrutura de apoio, topografia de difícil acesso, deficiência no sistema de transporte urbano, e a monopolização do agronegócio.

4.2 Micropólo II – São Miguel Do Oeste

O município de São Miguel do Oeste se situa na mesorregião Oeste catarinense, microrregião de São Miguel do Oeste. Recebeu sua emancipação em 15 de fevereiro de 1954, conta com uma área de 234,396 km², e seus principais acessos são as rodovias SC 282 e SC 163. No início da década de 90, a cidade possuía 42.242 habitantes, sendo que esse número teve um decréscimo pela criação dos municípios de Paraíso, Flor do Sertão, Barra Bonita e Bandeirante, chegando em 2000 a 32.324 habitantes. Em 2007 houve um aumento, e hoje esse número chega a 36.295 habitantes, sendo 88,3% concentrados na área urbana e 11,7% na área rural (IBGE, 2010)[7].

Na economia, tem-se o setor de serviços, destacando o comércio e a construção civil; a agropecuária com enfoque para agricultura (milho, fumo, soja e feijão) e a pecuária (gado leiteiro, de corte, suínos e aves); e a indústria, destacados o metal-mecânico, transportes, móveis e softwares. No recorte setorial, o segmento de prestação de serviços é o mais representativo em número de empresas. No entanto, a indústria é o setor que mais gera empregos no município, 38,2% dos postos de trabalho (SEBRAE/SC, 2010)[8].

Maior cidade do extremo-oeste catarinense e a principal cidade brasileira desde a fronteira com a Argentina, São Miguel do Oeste possui uma formação topográfica de plano à ondulado, sendo sua porção leste a mais acidentada, dificultando a expansão para tal região. Apresenta uma rede hidrográfica densa e vegetação bastante devastada, o que mostra uma falta de postura em relação ao poder público sobre os benefícios que aqueles trazem ao meio físico e à população, visto que o município possui Plano Diretor desde 2004. Quanto ao zoneamento e índices urbanísticos, se destaca a possibilidade de até 14 pavimentos, sendo que apenas na última década foram executadas algumas edificações chegando a esses índices, o que mostra um aumento de demanda por esses empreendimentos, levando ao abuso de preços e especulação imobiliária em toda cidade.

Dentre os equipamentos e serviços de abrangência regional, que podem responder juntamente com as oportunidades de fortalecimento, estão: o aeroporto, o Hospital Regional, escolas de nível superior e técnico, Unidade de Pronto Atendimento, transporte urbano coletivo, parque industrial diversificado, exército, Contorno Viário, agroindústrias, potencial turístico, praças, vazios urbanos, áreas de expansão. Nos aspectos que desfavorecem o desenvolvimento se destacam: falta de investimentos tanto do poder público quanto do privado, ocupação em Áreas de Preservação Permanente (APPs), fragmentação territorial,

elevado valor do solo urbano, legislação restritiva, falta e qualificação de mão de obra, deficiência de espaços verdes/ públicos.

4.3 Micropólo III – Maravilha

A “cidade das crianças”, Maravilha, se localiza na mesorregião Oeste Catarinense, microrregião de Chapecó. Emancipado em 27 de julho de 1958, o município possui área de 169,447 km², sendo os principais eixos de ligação as rodovias SC 282 e SC 158. Em 1991, a cidade tinha 24.107 habitantes, apresentando decréscimo nas duas décadas seguintes. Em 2007 já havia recuperado um percentual significativo, chegando à casa dos 21.684 habitantes. Hoje, conta com 22.104 habitantes, distribuídos 81,84% na área urbana e 18,16% na área rural (IBGE, 2010)[7].

Na análise econômica, o setor de serviços é o mais representativo, seguindo a indústria e por último o agropecuário. Referente a distribuição de empregos, é líder o setor secundário, seguindo o terciário. As atividades que se destacam são na base moveleira, confecções, agroindústrias e metal-mecânico (SEBRAE/SC, 2010)[8].

O município tem um traçado regular de quadras e ruas, formadas a partir da conformação do principal rio, Rio Iracema, que corta a cidade no sentido norte-sul, se configurando como ordenador do desenho urbano. Apresenta limites em relação a topografia, onde a região de menor possibilidade para uso é a leste e sul, pois apresenta o relevo mais íngreme. A vegetação sofreu uma extração desenfreada, tendo-se poucas manchas verdes distribuídas pelo perímetro urbano. Sua ocupação foi fortemente influenciada pela passagem da rodovia SC 282, onde foram locadas as indústrias, permitindo o fácil acesso e escoamento da produção. A rede viária, que se apresenta superdimensionada para a demanda atual, pode servir como ponto de apoio para o desenvolvimento.

O município não possui Plano Diretor, apenas um zoneamento que rege alguns aspectos em relação ao ordenamento do território, como a tipologia a ser empregada em determinado local, atuando como ordenador da paisagem. Pela análise, esse plano não possui uma eficiência considerável, isso devido à falta de fiscalização e implantação de um Plano Diretor. E, em relação aos índices, a cidade já apresenta edificações com até 10 pavimentos, mostrando o interesse de investimento no setor e no município.

Na análise territorial, definem-se como potencialidades de desenvolvimento as rodovias de acesso, locais de expansão zoneadas, recursos naturais (rios, vegetação, topografia), escolas de nível superior e técnico, incentivos do Programa de Aceleração de

Crescimento (PAC), setor moveleiro, setor de confecções e setor metal-mecânico. No aporte de desestimuladores aos investimentos e ao crescimento têm-se as ocupações irregulares, limitantes topográficas, falta de mão de obra especializada, grande número de vazios urbanos, agressão e poluição ao Rio Iracema, falta de planejamento pelo poder público, pouca demanda por serviços de saúde, falta de transporte urbano.

4.4 Micropólo IV – Pinhalzinho

A “capital da amizade”, Pinhalzinho, se situa na mesorregião Oeste Catarinense, microrregião de Chapecó. Emancipada em 07 de dezembro de 1961, conta com uma área de 128,298 km², e seu principal acesso ocorre pela rodovia SC 282 e SC 469. No início da década de 90, a cidade possuía 10.673 habitantes, sendo que esse número foi só aumentando no decorrer dos anos, estando no ano 2000 à casa dos 12.356 habitantes. Atualmente conta com 16.335 habitantes, sendo desses 83,36% residentes na área urbana e o restante, 16,64%, na área rural (IBGE, 2010)[7].

No aporte econômico, tem-se um parque industrial diversificado, se destacando o setor agroindustrial, madeireiro, têxtil e mecânico. Pela distribuição do emprego formal, o setor secundário é o mais representativo em número de empresas, por outro lado, o setor que mais emprega é o secundário, o equivalente a 52,7% dos postos de trabalho (SEBRAE/SC, 2010)[8]. O setor educacional é um dos pontos fortes da cidade, apresentando cinco instituições de nível superior, trazendo pessoas de várias regiões para o município, fortalecendo o desenvolvimento em inúmeros aspectos. Porém, a mobilidade e a infraestrutura para esse segmento deixam a desejar.

Seu desenvolvimento se deu a partir da SC 282, com a colocação de áreas industriais e indústrias, gerando um grande fluxo de pessoas, porém, sem estrutura necessária. A topografia é classificada como plana a elevada, sendo que a área urbana se concentra na região plana, o que permitiu a configuração de malha quadriculada e favorece as áreas de expansão. Em relação à hidrografia, não existem muitos rios na área urbana, mas a presença de nascentes e pequenos córregos é em grande número. A vegetação se encontra em praças e parques, porém em estado debilitado não atendendo a demanda.

O município está em crescente desenvolvimento, nesse sentido, existe uma grande quantidade de vazios urbanos ocasionados pelos novos loteamentos e áreas industriais, situados mais distantes do núcleo urbano. O uso predominante é residencial, sendo o comercial na área central do município. A área industrial foi realocada, se concentrando as

margens da rodovia, facilitando o escoamento e acesso, além de não gerar conflito de usos. Quanto aos aspectos de moradia e valor de mercado, as mais valorizadas se encontram na área central e as menos valorizadas em regiões periféricas, longe dos equipamentos e serviços.

Nessa interface têm-se elementos estruturadores ao desenvolvimento, destacando-se o fácil acesso, topografia favorável, ligação pela SC 282 e SC 469, crescimento populacional ativo, agroindústrias, agronegócio, universidades, desenvolvimento cultural, equipamentos públicos conforme a demanda, área industrial, feira de carácter regional (Itaipu Rural Show), feira municipal EFACIP. Quanto aos aspectos de desvalorização e retardamento ao desenvolvimento se tem a falta de infraestrutura - setor industrial e educacional, tráfego intenso de veículos, falta de espaços públicos/verdes, agressão ao meio físico por ocupação irregular.

4.5 Micropólo V – Xanxerê

A cidade de Xanxerê está localizada na mesorregião Oeste Catarinense, microrregião do Alto Irani (AMAI). Emancipada em 27 de fevereiro de 1954, possui área de 378 km², e seus acessos se dão pelas rodovias SC 480, SC 467, SC 466 e SC 282. No início da década de 1990, o município contava com uma população de 37.638 habitantes, tendo em 1996 uma queda não significativa, chegando hoje à casa dos 44.128 habitantes, desses 88,65% representam a área urbana (IBGE, 2010)[7].

É considerada a “capital estadual do milho” pela grande produtividade e alta tecnologia utilizada, sendo a base da economia a agropecuária respondendo por 70% do total. Ênfase na produção de cereais como milho, também soja, trigo e feijão, seguido pela pecuária com a produção de leite, gado de corte, suínos e aves. Destacam-se também o metal-mecânico, comércio e serviços, com alto índice de competitividade no mercado. Pela distribuição do emprego o segmento de prestação de serviços é o mais representativo em número de empresas, por outro lado, o setor industrial é o que mais emprega com 35,7% dos empregos (SEBRAE, 2010)[8].

A formação do núcleo urbano foi em função das agroindústrias, conformando-se em relação ao rio Xanxerê que corta a cidade no sentido norte-sul, e o relevo sinuoso à íngreme, valorizando e desvalorizando algumas áreas. O eixo estruturador, a rodovia SC 282, segrega a parte sul e norte do município, e que junto com a topografia mais íngreme deixa “esquecida” a região sul.

Na rede hidrográfica se destaca o Rio Xanxerê, citado acima, em sua grande parte canalizado, chegando à sul ao encontro da bacia do Rio Ditinho, esta degradada devido à ocupação irregular em sua orla, assim como na região norte, tendo-se uma área de alagamento invadida por habitações irregulares. Quanto à vegetação, mais se destaca nas regiões periféricas, na malha urbana é pouco encontrada, existente em passeios das principais avenidas, parques e praças, com tipologias de nativas e exóticas.

Seus usos residenciais e mistos estão predominantes tanto na área central quanto nas áreas periféricas, sendo que as áreas residenciais condizem com a legislação, o mesmo não se aplicando para as industriais e comerciais. As indústrias, localizadas no decorrer da SC 282, pela facilidade de operação, transporte e escoamento, configuram-se como “porta de entrada” para o município, que a partir dali se desenvolveu. A necessidade fez com que usos residenciais se implantassem nesse entorno, hoje com certo conflito de usos, fazendo com que o atual Código de Zoneamento impeça a expansão de atividades industriais nessa região. Os valores do solo são diferenciados por região, sendo os mais elevados na área central e nobre, e os de menor valor nas áreas periféricas ou condicionadas pela topografia. No que se refere a infraestrutura urbana, tem-se uma diversificação de atividades e condizentes com a demanda, sendo o município referência em cardiologia. Na atividade de turismo, o município poderia fomentar o desenvolvimento sociocultural e econômico pela exploração dessa atividade. Possuem-se inúmeras atrações turísticas que, somadas as da região, muitas encontradas nas cidades descritas acima, se constituiria um polo turístico do oeste catarinense.

Pela análise e compreensão dos agentes de desenvolvimento, o município apresenta como pontos positivos as escolas de nível superior e técnico, SC 282, indústrias, aeroporto, Contorno Viário, complexo de eventos Rovilho Bortoluzzi, agronegócio, áreas periféricas para novos loteamentos, áreas industriais zoneadas, elementos naturais (rios, vegetação, topografia), vazios urbanos, espaços públicos. Como desarticuladores do desenvolvimento tem-se a segregação norte-sul pela SC 282, a Faixa domínio área transmissão energia Eletrosul, precariedade de acessos, ocupação irregular, área alagável, vazios urbanos, transporte público deficiente e monopolizado, área de chácaras, mobiliário urbano precário.

5. PERSPECTIVAS E/OU ESTRATÉGIAS DE PLANEJAMENTO (DESENVOLVIMENTO) REGIONAL

A partir das constatações sobre cada cidade em estudo, entre aspectos que irão potencializar ou condicionar o crescimento das cidades e região, se parte para o lançamento das diretrizes para seu desenvolvimento. Essa etapa tem como objetivo buscar formas de dar visibilidade regional às cidades micrópolos, além do planejamento urbano em escala local, fator essencial para que tal desenvolvimento ocorra de forma sustentável e equilibrada.

Elencaram-se então alguns eixos centrais, que se ramificam com projetos específicos, esses sujeitos à análise de sua efetividade para implantação em determinado centro regional. Nessas condições, as estratégias de planejamento serviriam como articuladores no processo de planejamento urbano das cidades em estudo.

5.1 Eixo econômico

Abordar-se-iam ações referentes a escolas de nível superior e técnico, turismo de eventos, turismo de aventura/ecológico, turismo rural, turismo religioso, turismo gastronômico, parque tecnológico industrial, parque tecnológico de pesquisa, e exposições.

A ação, promovendo o crescimento econômico, se justifica na medida em que contribui para a valorização da cultura e identidade local, permitindo pelos diferenciais a maior inserção no cenário regional. No âmbito da educação, propõe-se a ampliação da estrutura das instituições de educação superior e escolas técnicas visando sua projeção e expansão futura. No turismo, ações que se concentram em explorar o potencial turístico do oeste catarinense. Enfim, inserção de equipamentos que gerem dinamismo econômico, na busca do desenvolvimento com qualidade urbana.

5.2 Eixo infraestrutura

Trabalhar-se-iam ações referentes a recuperação de áreas degradadas, aeroporto, gestão de resíduos, modais integrados, e rodovias/eixos de acesso e ligação.

Ações com vistas a planejar a expansão urbana e o seu papel como elementos estruturadores da rede urbana, prevendo os usos associados. Destaca-se um planejamento da urbanização sobre as áreas nas proximidades de contornos viários, espaços que geram um dinamismo as cidade e região, porém, geralmente apresentam-se como as áreas mais debilitadas. Planejamento dos sistemas de transporte público municipal, de modo a dinamizar o funcionalismo das cidades, além de não ater-se ao uso do veículo próprio como meio de locomoção.

5.3 Eixo social/cultural

Neste, se promoverá ações referentes a habitação, lazer e recreação, mercados públicos, esporte e saúde.

De caráter regional, envolve a manutenção da qualidade de vida através de ações no âmbito habitacional, planejamento em termos de infraestrutura urbana e usos, controlando a segregação socioespacial existente. A preservação dos rios e espaços públicos de convívio em áreas ainda não consolidadas, bem como requalificação das existentes. Planejamento na esfera esportiva e de saúde, trazendo os dois benefícios um para o outro, além de compor um crescimento urbano no que diz respeito à inserção de equipamentos de saúde de caráter regional.

5.4 Eixo verdes

Desenvolver-se-á ações referentes a parques culturais, parques ambientais (educação/conscientização), parques ambientais (pesquisa/preservação), praças de centros urbanos e praças de bairros.

Estruturação de ações de planejamento a nível local com interface regional, tratando de questões relacionadas à busca da qualidade de vida. Envolve a revitalização e qualificação dos espaços públicos existentes e projeção de novos, vinculada à valorização paisagística dos elementos naturais, cidade equilibrada, redução das desigualdades e contrastes evidentes hoje.

Com esses eixos e propostas, com toda sua sorte de vantagens e ônus, que estão claramente enraizados na realidade regional, faz-se a compreensão das peculiaridades e potencialidades de cada cidade. Articuladas regionalmente buscam-se soluções conjuntas, que respondam a manutenção da identidade cultural e o crescimento econômico com qualidade de vida da cidade e seus habitantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela avaliação histórica, econômica e social, tinha-se em primeiro momento um processo de colonização, respondendo por três importantes ciclos econômicos. Depois, em segundo momento, destaca-se o surgimento das agroindústrias, acelerando as transformações das cidades e da região. O agronegócio contribuiu para a formação de um complexo agroindustrial, presente na região, fortalecendo a economia e impulsionando o

desenvolvimento regional. Aos poucos, a estrutura econômica primária foi passando para ramos mais dinâmicos, alcançando hoje uma estrutura de vida urbana bastante complexa, destacando-se dentro do contexto oeste catarinense, nacional e global, respondendo a um terceiro momento.

Atualmente, o cenário regional está em constante mudança, seja pela implantação de empresas de médio à grande porte ou por equipamentos que exercem um cunho significativo de expansão, seja no setor de comércio, educação, saúde ou estrutura urbana. A importância está no levantamento das peculiaridades, possibilidades e não possibilidades de cada centro regional, a fim de propor um planejamento adequado baseado em projetos que conduzam o crescimento para todas as direções, ramificando a economia.

Tem-se a criação de diretrizes de planejamento que se especializam em diferentes áreas de abrangência, considerando todas as questões analisadas em cada município, no âmbito de equipamentação da cidade, qualificação e implementação de infraestruturas, visando o crescimento e desenvolvimento do oeste catarinense, inserido na realidade e perspectiva de desenvolvimento do cenário global.

Portanto, salienta-se que os problemas locais e regionais são uma preocupação social, as reflexões da caracterização social, econômica e ambiental dos micropólos em estudo são de fundamental importância, devendo ser pensados em escalas específicas para sua efetividade, buscando soluções integradas que objetivam melhorar a qualidade de vida da população em todos os seus aspectos.

7. REFERÊNCIAS

- [1] FUJITA, C.; MATIELLO, A. M.; VILLELA, A.L. Planejamento Regional. Chapecó, 2006.
- [2] FUJITA, C.; MATIELLO, A.; ALBA, R. Rede de polo e micropólos regionais no oeste catarinense. *Redes: Santa Cruz do Sul*, v. 14, n. 02, p. 53-59, mai/ago. 2009.
- [3] CORRÊA, R. L. Estudos sobre a Rede Urbana. In: CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede Urbana – Uma nota sobre as pequenas cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 336 p.
- [4] VIEIRA, P.; CUNHA, I. Repensando o desenvolvimento catarinense. In: VIEIRA, P. A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento. Florianópolis: APED, 2002.
- [5] BAVARESCO, Paulo Ricardo. Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense. Chapecó: Argos, 2005.

[6] ELIAS, D. Fronteiras em mutação no Brasil agrícola. In: FELDMAN, S.; FERNANDES, A. (orgs). O urbano e o regional no Brasil contemporâneo: mutações, tensões, desafios. Salvador: EDUFBA, 2007.

[7] IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O Brasil município por município. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 20 set. 2012.

[8] SEBRAE – SC. Santa Catarina em números. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/>. Acesso em 30 set. 2012.